

# 72 Um engarrafamento republicano

Séquito planaltino paralisa a cidade imperial. A melhor opção foi largar o carro e seguir a pé

Cátia Seabra

● PETRÓPOLIS. A cidade imperial parou ontem para ver o presidente Fernando Henrique Cardoso e seu séquito passarem. Literalmente. O engarrafamento foi tanto que o ministro dos Transportes, o peemedebista Odacir Klein, preferiu ir a pé. Levou dez minutos no trajeto da Casa do Barão de Mauá até o Palácio da Princesa Isabel, para um almoço oferecido pelo presidente da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan), Eduardo Eugênio Gouvêa Vieira. Não era para menos. Além do esquema de segurança — que incluiu o fechamento de ruas —, a presença de Fernando Henrique atraiu a atenção dos moradores da cidade.

A dona de casa Nair Cláudia Blatt e o sobrinho Edson esperaram desde as oito horas da manhã pela chegada, duas horas depois, de Fernando Henrique ao Palácio Rio Negro, onde cumpriu a primeira atividade de sua agenda na cidade. Junto com eles, o comerciante Serafim Ferreira, de 64 anos, resgatava uma antiga tradição: a de acompanhar os presidentes em suas visitas oficiais à Petrópolis. Serafim assistiu aos passeios de Getúlio Vargas e se orgulha de ter sido o fornecedor dos cigarros marca Luxor de Maria Teresa Goulart.

— Os seguranças do presidente João Goulart só comiam no meu restaurante. Eu tinha esse privilégio. Todo dia eles compravam o cigarro de dona Teresa lá — lembrou Serafim.

O último presidente da República que Serafim viu na cidade foi Costa e Silva. Vinte e sete anos

depois, a corte de Fernando Henrique abalou a calma dos petropolitanos. Assim que chegou ao Palácio da Princesa Isabel, aplaudido, Fernando Henrique foi à janela dar um tchauzinho às pessoas que se amontoavam nas grades da garagem



FERNANDO HENRIQUE sorri ao chegar na sacada do Palácio Rio Negro

Gabriel de Paiva

do casarão. Na saída do almoço, nova confusão. Ao lado do ministro do Planejamento, José Serra, e do governador do Rio de Janeiro, Marcello Alencar, Fernando Henrique dispensou o carro e seguiu a pé, num percurso de cerca de 500 metros, de volta ao Palácio Rio Negro.

— Maravilhoso! gritavam os curiosos, enquanto ele distribuía autógrafos.

Às 17h, quando chegou à casa da família Nabuco, o presidente foi seguido por quatro adolescentes que corriam de patins. Vizinhos da mansão onde Fernando Henrique está hospedado, os irmãos Eduardo, de 14 anos, e Conrado Cavalcante, de 12, esperavam na esquina desde as 13h. Foi o primeiro presidente que conheceram pessoalmente.

— Estava só esperando — disse Conrado, feliz da vida.

## Calor diminui na Serra e o presidente agradece a São Pedro

No Palácio Rio Negro, suando em bicas, o presidente reclamou duas vezes do calor do verão petropolitano e, antes de começar seu segundo discurso do dia, agradeceu a São Pedro:

— Obrigado, São Pedro, pela clemência de fazer com que o sol amainasse um pouco para poder falar com um pouco menos de calor.

Fernando Henrique disse que o carioca e o petropolitano fazem parte de um povo ameno, que tem como principal característica o bom humor:

— Quem não é capaz de rir de si mesmo fica amargurado e com raiva do mundo. Vim a Petrópolis buscar ânimo — disse ele.